

DIALOGO SOBRE REDES SOCIAIS NA INTERNET COM GIL GIARDELLI E ANDREW KEEN: OS DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Resumo: Análise comparativa de abordagens sobre o uso das redes sociais na internet a partir da leitura reflexiva de dois textos de autores divergentes. Apresenta a visão tecnootimista de Gil Giardelli (2012) e o posicionamento tecnopessimista de Andrew Keen (2012), apontando diferenças e similaridades em suas reflexões. Destaca a necessidade de promover o debate sobre o tema entre os profissionais de informação.

Palavras-chave: Redes Sociais; Mídias Sociais; Internet; Tecnootimismo; Tecnopessimismo.

1 INTRODUÇÃO

O imaginário e o contexto social são fatores condicionantes para definir as maneiras com as quais as pessoas interagem com as inovações tecnológicas. A relação com as tecnologias é historicamente marcada por posicionamentos positivos ou negativos, chegando a ser até mesmo radicais em muitas situações e, por isso, é muito comum verificar a existência de uma relação de “amor e ódio” com a tecnologia ainda nos dias atuais.

Os discursos a respeito das tecnologias são construídos a partir de visões por vezes polarizadas criando grupos de pessoas que, segundo Demo (2009, p. 5), ou “apreciam em excesso” (os tecnófilos), ou “apreciam de menos” (os tecnófobos). Esses discursos, por sua vez, orientam práticas favoráveis ou contrárias que podem aproximar ou afastar as pessoas do uso de aparatos e produtos tecnológicos.

No entanto, as situações de tecnofilia e a tecnofobia representam apenas dois tipos de reações ou comportamentos desencadeados pelo uso de tecnologias que surgiram especialmente a partir da segunda metade do século XX. Entre esses dois pólos podem existir diferentes níveis de aceitação ou rejeição às produções tecnológicas contemporâneas.

Machado (1993), ao discorrer sobre o imaginário diante do que ele chama de “máquina”, afirma que “entre a integração exaltada e a rejeição apocalíptica há uma gama infinita de variações, impossível de ser mapeada com clareza e tanto mais problemática quanto mais percebemos que as instâncias migram de um lado para outro, impossibilitando qualquer posicionamento taxativo ou redutor” (op. cit. p. 23).

Para equilibrar este cenário, Lèvy (1993, p. 8) propõe “uma reapropriação mental do fenômeno técnico”, necessária ainda nos dias atuais, capaz de levar a sociedade a uma “tecnodemocracia”, somente possível a partir de uma compreensão da essência da técnica enquanto uma produção da própria sociedade.

Da década de 1990 aos dias atuais, a evolução tecnológica disparou uma diversidade alucinante de aparelhos e sistemas que possibilitaram a abertura de um horizonte digital/virtual quase infinito no qual milhares de pessoas permanecem constantemente conectadas.

Graças à evolução da Internet e da telefonia celular, o poder de conectividade coletiva foi ampliado de forma extraordinária, em especial nos últimos dez anos com a chamada *web 2.0*. O termo cunhado em 2004 por Tim O’Reilly¹ refere-se a um conceito de rede colaborativa e participativa surgida a partir da Internet que utiliza ferramentas wiki, redes sociais e folksonomia para integrar as pessoas em plataformas *web*. A evolução mais recente do termo apresenta a *web 3.0*, ou *web semântica*, que pretende organizar os conteúdos da rede de forma mais inteligente e personalizada.

Essa concepção de *web* foi o cenário ideal para a criação das chamadas “mídias sociais” de base tecnológica, que segundo Kaplan e Haenlein (2010) referem-se a aplicações da Internet fundamentadas nos conceitos 2.0 cujos serviços conectam pessoas em todo o mundo com a finalidade de

¹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0

compartilhamento e interatividade. Como exemplos mundialmente conhecidos, podem-se citar o *Facebook* e o *Twitter*, através das quais milhões de pessoas em todo o planeta estão em ininterrupta conexão.

Estas mídias dão o suporte necessário para que redes sociais sejam formadas a partir de interesses comuns, com diversas finalidades. Por redes sociais, entende-se a rede de relacionamento entre atores (pessoas físicas ou jurídicas) que trocam informações entre si formando elos de comunicação e interdependência que ultrapassam uma simples soma de relações (MARTELETO, 2007).

As redes sociais que utilizam as mídias sociais são também conhecidas como “redes sociais na Internet”. Nesse caso, são redes mediadas por computadores que também possuem características das redes sociais *off-line*, com elementos como atores e conexões (RECUERO, 2009).

A partir da adesão às redes sociais da Internet, evidenciada principalmente com o uso de dispositivos móveis de natureza convergente como celulares e *tablets*, por exemplo, os casos de tecnofobia parecem estar cada vez mais raros e difíceis de serem identificados. Por outro lado, ainda são visíveis reações positivas e negativas aos efeitos e implicações desses usos, apresentados agora como visões tecno-otimistas ou tecno-pessimistas.

Os tecno-otimistas apostam na tecnologia como a saída para tornar o mundo um lugar melhor, afirmando que isso é possível através da rede Internet. Os empresários do chamado Vale do Silício² e seus seguidores são os principais representantes da corrente tecno-otimista.

A esse grupo pertence, por exemplo, o criador da rede de *microblogging Twitter*, Reid Hoffman, descrito pelo Wall Street Journal em 2011 como “a pessoa mais conectada do Vale do Silício” (KEEN, 2012, p. 13), para quem o futuro é social, no qual as pessoas estarão mais conectadas e, portanto, mais unidas como seres humanos.

Mark Zuckerberg, criador do *Facebook*, também faz parte desse seleto grupo de empreendedores constantemente lembrados quando o assunto em discussão é a tecnologia social, onde “todas as áreas serão repensadas de uma forma social. Você pode refazer setores inteiros” (op. cit, p. 35).

Em contrapartida, aqueles que desconfiam das propaladas benesses das redes sociais pregadas pelos “evangelistas do Vale do Silício”³ e discutem o outro lado dessa moeda apresentando o lado obscuro da tecnologia digital, são considerados atualmente como “tecnopessimistas”.

Os representantes desse grupo difundem uma desconfiança generalizada e contagiante por tudo aquilo que chega através das inovações tecnológicas (GONÇALVES, 2013). Os tecnopessimistas discutem os riscos das tecnologias e seus efeitos negativos, por exemplo, no meio ambiente. Para eles, a tecnologia criou mais problemas do que soluções (RUI, 2007).

Em relação à *web* social, as opiniões também se dividem entre pessimistas e otimistas e o presente artigo apresenta uma proposta de reflexão a partir da leitura de dois autores que debatem o papel e as implicações das redes sociais no contexto da sociedade contemporânea, a saber, o norte-americano Andrew Keen, e o brasileiro Gil Giardelli.

O presente texto não tem a pretensão de apresentar-se como um estudo aprofundado sobre a temática, contudo, pretende suscitar um debate ainda pouco explorado nos periódicos científicos das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Possui como ponto de partida a leitura comparativa e reflexiva dos livros *Vertigem Digital*, de autoria de Andrew Keen (2012) e *Você é o que você compartilha*, de Gil Giardelli (2012). Da oposição das ideias desses dois autores, principalmente a respeito da participação em redes sociais na Internet, surge um diálogo cuja pertinência e atualidade não devem passar despercebidos ao profissional da informação nos dias atuais.

A quantidade de informação que flui através de canais como as diversas mídias sociais, justifica um olhar atento desse profissional, pois nesse caso, a Internet apresenta-se como um campo de trabalho em plena expansão. O serviço de referência virtual ou digital, por exemplo, já utiliza os recursos da *web*

² Califórnia, EUA

³ “O cargo de “evangelista” é invenção do Vale do Silício” http://veja.abril.com.br/170107/p_064.html

2.0, inclusive as mídias sociais, em suas atribuições, especialmente para atendimento ao usuário. Pesquisa realizada por Pereira e Carvalho (2012, p. 116) apresenta, por exemplo, o uso do *Twitter* para divulgação e comunicação do tipo “fale conosco” com os usuários.

Atividades especializadas como a curadoria de conteúdo digital, uma tendência de atuação do bibliotecário na sociedade contemporânea verificada especialmente em países como os Estados Unidos da América e ainda inexplorada no Brasil, exigem do profissional da informação habilidades e competências direcionadas à informação gerada e compartilhada via *web*.

A atuação do curador no ambiente digital envolve atividades de seleção, avaliação e garantia de acesso a conteúdos disponíveis na Internet através do desenvolvimento de repositórios e metadados e padrões abertos. Para tal é preciso fazer uso de tecnologias e ferramentas como aplicativos e softwares para gerenciamento de informações, promoção e colaboração em redes sociais.

Como exemplo dessa atuação, menciona-se a atuação de John Farrier (2012), bibliotecário e curador de conteúdo em um blog de entretenimento, que afirma que seu trabalho no blog “é mais difícil do que você imagina. Eu tenho que saber onde procurar, como fazê-lo rapidamente, e discernir a partir da experiência e estatísticas de tráfego se os nossos leitores irão considerar um item como “puro.” O conteúdo deve ser puro o suficiente para atrair um grande número de leitores. [...] Devo filtrar grandes pilhas de conteúdo em potencial a cada dia e apresentar o melhor, talvez 1 ou 2 por cento do total, a fim de que os leitores mantenham-se conectados”.

Além disso, a participação em mídias sociais possibilita ao profissional da informação, enquanto curador, manter-se conectado a uma rede de pessoas e/ou instituições cujo relacionamento será capaz de agregar valor às suas habilidades de encontrar e disseminar conteúdo digital relevante. Dessa forma, pode também atuar de maneira especializada em redes onde circulem dados científicos, exercendo papel fundamental na organização de dados de pesquisa, realizando disseminação seletiva de informação e atuando no processo de comunicação científica.

Outra possibilidade de atuação em rede é através de uma participação profissional mais profunda, como no emergente papel de “*embedded librarian*”, que numa tradução livre significa “bibliotecário imerso”. Aqui, o bibliotecário atua principalmente como promotor da competência em informação de públicos específicos, atuando como membro dessa comunidade e participando ativamente de seu universo. Para Schumaker (2009, p. 239) esse profissional trabalha na capacitação desses usuários na busca e recuperação de informações relevantes “*in loco*”, onde quer que ele esteja.

Contudo, para desempenhar esse papel, o profissional da informação necessita ampliar sua visão pessoal e profissional a respeito das possibilidades e limitações da vida em rede. É preciso discutir e refletir sobre o universo conectado, a fim de conhecê-lo melhor para então posicionar-se diante dele. Trazer esse debate ao contexto do profissional da informação é a principal proposta da presente análise.

As considerações aqui levantadas são resultados de uma análise comparativa realizada a partir da leitura das obras de dois autores atuantes na área da comunicação digital que partem, no entanto, de duas realidades diferentes: a brasileira e a norte americana. As percepções verificadas tornam-se úteis a esta reflexão justamente por originarem-se fora da área da Biblioteconomia ou Ciência da Informação.

Esse “olhar para fora” busca agregar conhecimentos ao profissional da informação a partir de dois pontos de vista antagônicos que apresentam aspectos positivos e negativos da imersão nas redes sociais, revelando dois lados de uma única moeda.

“Você é o que você compartilha”: Giardelli e a admirável ordem social na era da participação

Gil Giardelli é professor em diversos cursos de pós-graduação e MBA no Brasil e no exterior, um *web*-ativista e difusor de conceitos e atividades ligadas à sociedade em rede, colaboração humana, economia criativa e inovação digital. Conferencista bastante conhecido dentre a comunidade de trabalhadores e estudiosos da sociedade digital, esteve presente também no XXV Congresso Brasileiro de

Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBB), ocorrido em Florianópolis em julho de 2013.

O livro de Giardelli (2012) apresenta uma visão da vida em rede na qual todas as pessoas são chamadas a compartilhar o que possuem de melhor, aproveitando as oportunidades de aprendizagem, trabalho, negócios e generosidade que a aldeia global oferece.

Segundo o autor, o século XXI será marcado pelo compartilhamento entre pessoas individualmente livres e voluntariamente juntas, num ambiente social, que está repensando o poder, a força de trabalho, o estilo de vida, a competição e a continuidade do planeta, dentre outras possibilidades. Para Giardelli (2012, p. 21-22), “a sociedade individualizada está com os dias contados. O novo símbolo do *status quo* é a generosidade”.

O autor afirma que sociedade conectada faz uso da tecnologia para impulsionar as pessoas a encontros no mundo real. Desse modo, tornou-se a melhor ferramenta de relacionamento da humanidade: “a web proporcionou a explosão de contatos entre pessoas, que propiciam de *networking* a namoros, de encontros a socialização, de revoluções a mudanças. Demoramos a perceber que a internet não é uma rede de computadores, mas sim um *software* de expressão da sabedoria das multidões” (GIARDELLI, 2012, p. 26).

Para ele, a humanidade passou por diferentes fases: a 1.0, com ênfase na agricultura; a 2.0, de caráter industrial; a 3.0, de base tecnológica; a 4.0, que ele chama de “cyber-espíritual” e chegando agora à “humanidade 5.0, que é composta pela democracia das redes sociais” (op. cit., p. 27).

O livro aponta as redes sociais da internet como um veículo capaz de dar voz de alcance mundial a pessoas simples e de fazer emergir a generosidade através do desenvolvimento de ações de *social good*. Giardelli apresenta diversas iniciativas de empreendedorismo social, nas quais as pessoas estão engajadas em atuar de forma incisiva para transformar o mundo em um lugar melhor para se viver.

Estão disponíveis através de *QR code* em praticamente todas as páginas do livro, sites nacionais e estrangeiros nos quais é possível conhecer e participar de projetos sociais de naturezas diferentes e que reúnem pessoas, independente de idade, sexo, etnia e classes sociais em torno de objetivos para o bem comum.

Segundo Giardelli, a reputação é a principal moeda de troca nessa economia social. Hunt (2010) compartilha da noção de que a reputação é a moeda de troca em tempos digitais. A autora chega a dar nome a essa “moeda”: *whuffie*. termo cunhado pelo escritor canadense Cory Doctorow, em seu livro de ficção científica “*Down and Out in the Magic Kingdom*”, de 2003. A análise de Hunt volta-se ao mundo corporativo, onde a capacidade de uma empresa em lidar com o crescimento de sua visibilidade e confiabilidade na *web* está associado à quantidade de *whuffies* (o que corresponde ao capital social da empresa na Internet) que consegue acumular na interação com seus clientes. Basicamente, seu capital social significa sua reputação no mundo digital.

Nesse ambiente de troca, o compartilhamento é a chave para a democracia digital, uma vez que:

Quando você dá sua opinião, curte, divulga, comenta, segue, lê, escreve, redireciona, divide, fala sobre e faz mais gente saber sobre algo, usando os recursos digitais, já está compartilhando. Sua existência digital, sua reputação, é medida pelo que você compartilha, quanto influencia os outros e pelo modo como faz a diferença no mundo [...] Temos força juntos, e isso fica evidente no mundo digital, que minimiza as fronteiras e deixa as pessoas com condição de se unir (GIARDELLI, 2012, p. 28-29).

O livro de Giardelli descreve também novos modelos educacionais e de negócios, apontando a necessidade de uma revolução nos métodos e estratégias tradicionais em direção a modelos em rede, mais participativos e questionadores. O ativismo digital também recebe atenção no texto de Giardelli, apontando que o mundo “real” recebe seus reflexos, e que “pessoas justas e coordenadas têm uma força imensa que por muito tempo não foi experimentada, por falta de um elemento aglutinador, papel que as redes *online* tem se prestado eficientemente” (op. cit., p. 110).

Em suma, a visão tecno-otimista de Giardelli convida todos para dirigirem o olhar a essas megatendências e tomar uma posição. O autor chama seus leitores a pensarem como curadores da informação, baixando, compartilhando, aprendendo e ensinando em rede.

Com uma visão bastante antagônica, o livro *Vertigem Digital* (ou #vertigemdigital, como na capa), de Andrew Keen, será apresentado a seguir.

Keen: as redes sociais nos dividem, diminuem e desorientam

Andrew Keen, apesar de ser um dos empreendedores pioneiros do Vale do Silício, é autor de diversos artigos em jornais de grande circulação nos EUA, cujo teor polêmico sobre a cultura e tecnologia digitais revela sua visão tecnopessimista da Internet. Também é autor do livro “O culto do amador” (2007), que traz críticas severas à credibilidade do conteúdo da Internet na sociedade atual.

Em seu livro *Vertigem Digital* (2012), o autor critica a hipervisibilidade adquirida nas redes sociais e o fim da privacidade na era da super exposição e do grande exibicionismo consequente da participação indiscriminada nessas redes. Keen utiliza como metáfora o filme de Alfred Hitchcock “Um corpo que cai” (1958), para afirmar que a mídia social, que supostamente une as pessoas, é exatamente o oposto do que parece:

Por trás do otimismo comunitarista dos utilitaristas digitais está uma verdade vertiginosa e socialmente fragmentada do século XX. É uma verdade pós-industrial, a comunidade cada vez mais fraca e o exagerado individualismo de supernodes e superconectores. É a verdade de uma economia de “atenção” que usa a “fama” individual como sua principal moeda” (KEEN, 2012, p. 120).

Usa também metaforicamente a arquitetura em panóptico de Jeremy Bentham, pensada para servir como uma “casa de inspeção” num ambiente construído de forma a que, mesmo estando sozinha em um aposento individual e transparente, uma pessoa poderia ser vista e ao mesmo tempo visualizar os demais.

Essa visibilidade conduz a humanidade a um constante estado de vigilância, sendo observada continuamente: “a atual tirania de uma rede social cada vez mais transparente [...] ameaça a liberdade individual, a felicidade e talvez a própria personalidade do homem contemporâneo” (KEEN, 2012, p. 25).

O autor traz um discurso contrário ao uso do termo “social”, apontando para a ideia de que seu uso revela um esforço no sentido de eliminar a individualidade. Social enquanto “aplicativo matador” (op. cit., p.17), abrangendo todas as áreas da sociedade através das mídias sociais, criando plataformas de comércio social, produção social, aprendizado social, caridade social, televisão social, etc...

Como exemplo, fala sobre ferramentas “sociais” de administração de funcionários onde cada um deve atribuir notas a seus companheiros “transformando o trabalho numa espécie de julgamento interminável em tempo real” (op. cit., p.47).

Outro exemplo, mais comumente aceito, é o da TV social que na verdade significa que todos saberão o que estamos assistindo, assim como também saberemos as preferências televisivas dos outros. Ou seja, significa o fim da privacidade.

A vida conectada trouxe hábitos como a divulgação instantânea de fotografias e a revelação da localização geográfica em que as pessoas se encontram. Para Keen, atitudes como essas são um convite para que outros venham “bisbilhotar” sua vida pessoal, com a devida permissão.

O autor critica enfaticamente a chamada “leitura social”: “sim, a leitura, a mais intensamente particular e ilícita de todas as experiências individuais, está se transformando num espetáculo social que atordoa” (KEEN, 2012, p. 51). Para ele, partilhar a experiência da leitura representa “o fim do mundo”: o fim do leitor isolado, o fim do pensamento solitário, o fim da reflexão literária puramente individual” (op. cit., p. 52).

Em outras palavras, vive-se em uma “ditadura social”, onde cada um se vê obrigado a expressar-se e tornar público seus sentimentos e pensamentos. Essa análise também remete à sensação de vigilância, na qual o autor menciona Kirn (2010, *apud* KEEN, 2012, p. 57) para quem os computadores pessoais são uma legião de “pequenos irmãos travessos”, numa analogia ao Grande Irmão da obra *1984* de George Orwell.

Dentre as muitas críticas que levanta em seu texto, Keen menciona que as pessoas estão perdendo a capacidade de pensar por conta própria, apenas citamos e repetimos o que lemos; destaca também o poder de destruir a reputação de outras pessoas através de comentários, fotografias ou acusações; o desemprego ocasionado por comentários infelizes feitos nas redes sociais, a confusão entre “amizade” e “seguidor” causada pelas novas “relações” das redes sociais e a ausência de garantia de proteção aos dados e informações individuais.

Em resumo: o autor Keen desconfia fortemente da capacidade unificadora das redes sociais e da Internet, conclamando a humanidade a buscar sua capacidade de destacar-se da multidão, libertar-se da sociedade e ser deixada só, pensando e agindo por conta própria.

Giardelli, Keen e os dois lados da mesma moeda

Através das leituras, fica evidenciada a diferença marcante de pontos de vista entre os autores a partir de um mesmo objeto: enquanto que para um vivemos numa democracia digital, para outro trata-se de uma ditadura. Se para Giardelli, replicar conteúdos é uma forma de disseminar conhecimentos e ajudar a transformar as pessoas, para Keen isso significa o fim do pensar por si próprio.

São muitas as divergências encontradas, porém, a análise também permitiu constatar que, mesmo diante de percepções tão antagônicas de um mesmo fenômeno, é possível encontrar convergências em alguns aspectos básicos sobre a rede Internet e as mídias sociais, destacados a seguir.

Primeiramente, existe um caráter de fragmentação das tecnologias que não pode ser ignorado. Os dois autores apontam como uma das características definidoras da Internet um grande poder de atração que desvia os olhares das pessoas na vida real. Giardelli menciona os “zumbis da era digital, olhando a cada instante para os badulaques tecnológicos” (GIARDELLI, 2012, p. 16) que, apesar de estarem em família, por exemplo, permanecem conectados e preferem interagir com outras pessoas no mundo digital.

Para Keen, o caráter divisor da Internet já fica evidenciado no subtítulo de seu livro: as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. O autor afirma que as redes sociais não estão nos tornando mais compassivos e tolerantes, pelo contrário: os homens estão se tornando mais sádicos e vingativos (KEEN, 2012, p. 63).

Em segundo lugar, ambos concordam que as redes digitais interferem na construção da identidade pessoal. Giardelli (2012, p. 16, 17) afirma que “a sociedade conectada confunde os limites da vida [...] criando uma zona de neblina entre a vida real e a virtual”. Daí resulta a criação de avatares que representam uma espécie de “alter-ego” capaz de realizar online aquilo que não são capazes de realizar offline, vivendo assim uma vida paralela que pode ser prejudicial. Keen (2012, p. 10) vai mais além, afirmando que ao invés de uma “segunda vida”, a mídia social está se tornando a própria vida.

E, por fim, os dois autores concluem que a desconexão é necessária. Este é mais um ponto de convergência, e fica aparente o conselho dado pelos dois autores: desconecte-se. “Desligue seus aparelhinhos e seja mais social na vida real” é a sugestão de Gil Giardelli ao final de seu livro, pois “toda tecnologia perde o sentido se não proporcionar mais contato humano” (GIARDELLI, 2012, p. 152). O autor diz que o cérebro humano precisa desse descanso e ele mesmo trata de desconectar-se por um período de cerca de um mês todos os anos para reencontrar-se com suas ideias, sonhos e planejar sua vida.

Já Andrew Keen dedica praticamente todas as mais de duzentas páginas de seu livro oferecendo uma lista enorme de razões pelas quais as pessoas deveriam manter-se distantes das redes sociais,

especialmente defendendo a tese de que estão cobertos de razão aqueles que decidiram não fazer parte do mundo conectado simplesmente porque querem “ser deixados sozinhos e em paz” (KEEN, 2012, p. 20).

O autor recorre a John Stuart Mill como uma sugestão indireta de desconexão, quando este afirma que para continuar humano, algumas vezes é preciso desconectar-se da sociedade para continuar privado, autônomo e secreto. Para finalizar, porém, Keen é categórico: “o futuro, portanto, deve ser tudo, menos social.” (op. cit, p. 200-201).

Ao analisar os posicionamentos de Giardelli e Keen, parece tarefa impossível afirmar que um deles esteja plenamente correto em detrimento da opinião do outro. Ambos trazem à tona situações concretas e possibilidades reais na análise que fazem do uso das mídias sociais e da rede Internet como um todo. Cabe a cada cidadão deste mundo conectado decidir, dentre as diferentes nuances possíveis, como administrar pessoal e profissionalmente sua relação com a aldeia global.

Esse diálogo é parte constituinte do tecido social contemporâneo, no qual o profissional da informação atual poderá exercer atividades importantes de curadoria, como organizador e disseminador da informação. A maneira como conduzirá essa atuação, será obviamente influenciada pela sua própria visão a respeito das tecnologias e do mundo digital.

O cenário brasileiro de atuação do bibliotecário representa um misto de necessidades e demandas de informação que podem ser identificadas tanto em locais nos quais verifica-se total desconexão, quanto em ambientes altamente informatizados que utilizam tecnologia de ponta para desenvolvimento de suas atividades.

Este texto, portanto, convida à reflexão e ao debate deste assunto extremamente pertinente e necessário, do qual o profissional que lida com informação não pode abster-se. Afinal, é inegável o imensurável fluxo de informação digital com o qual estamos todos envolvidos: seja pessoalmente, enquanto produtores ou consumidores; seja profissionalmente, encarando os grandes desafios para a organização, preservação e disseminação de conteúdo digital.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. Tecnofilia e tecnofobia. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/351/artigo-01.pdf> Acesso em: 19 nov.2013

FARRIER, John. Digital Content Curation Is Career for Librarians. **Library Journal**. 2012. Disponível em: <<http://lj.libraryjournal.com/2012/02/opinion/backtalk/digitalcontent-curation-is-a-perfect-career-fit-for-librarians-backtalk/>> Acesso em: 28 out. 2013.

GIARDELLI, G. **Você é o que você compartilha**. São Paulo: Gente, 2012.

GONÇALVES, A.J. Tecno-otimismo e tecno-pessimismo. **Revista Missões**, jan./fev. 2013. Disponível em: <http://www.revistamissoes.org.br/artigos/ler/id/2588> Acesso em: 19 nov 2013.

HUNT, T. *O poder das redes sociais*. São Paulo: Gente, 2010.

KAPLAN, A.M; HAENLEIN, M. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. **Business Horizons**, n.53, 2010, p.59-68. Disponível em: <http://michaelhaenlein.com/Publications/Kaplan,%20Andreas%20-%20Users%20of%20the%20world,%20unite.pdf> Acesso em: 08 mai 2014.

KEEN, A. **Vertigem digital**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

MARTELETO, R.M. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. **Informação e Informação**, Londrina, v.12, n.esp., 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/1785-5735-1-PB.pdf> Acesso em: 08 mai 2014

PEREIRA, E. do N.; CARVALHO, A.V. A web 2.0 no serviço de referência: análise do uso nas bibliotecas das universidades federais do nordeste brasileiro. **Informação e Informação**, Londrina, v.17, n.3, p.102-124, set./dez.2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/13000/pdf> Acesso em: 08 mai 2014.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf> Acesso em 08 mai 2014.

ROSÁRIO, N.M.do et.al. Cultura da tecnofilia e imaginários da tecnofobia: discurso sobre seres artificiais em filmes de ficção científica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.corporalidades.com.br/downloads/cultura.pdf> Acesso em: 19 nov.2013

RUI, J. **O pessimista vs. os tecno-optimistas**: um guia para os perplexos. Blog Quinta do Sargaçal. Disponível em: <http://www.sargacal.com/2007/08/27/o-pessimista-vs-os-tecno-optimistas-um-guia-para-os-perplexos/> Acesso em: 19 nov. 2013.

SCHUMAKER, D. Who let the librarians out? **Reference and User Services Quarterly** , n. 3 (Spring, 2009), p. 239-242.

DIALOGUE ABOUT INTERNET SOCIAL NETWORKS WITH GIL GIARDELLI AND ANDREW KEEN: TWO SIDES OF THE SAME COIN

Abstract: Comparative analysis about the use of social networks from two differing authors. Discusses the technological optimistic vision from Gil Giardelli (2012) and the technological pessimistic position of Andrew Keen (2012), pointing out similarities and differences in their approaches and the need for further debate on the subject among information professionals.

Keywords: Social Networks; Social Medias; Internet, Technological Optimism; Technological Pessimism.

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Docente do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação – FAED/UEDESC

Recebido em: 02/04/2014 Aceito em: 17/06/2014
--